

25 FEV 1980

Negociações entre Brasil e credores vão recomençar hoje

A. M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — O comitê dos bancos que assessora o Brasil nas negociações de sua dívida externa reuniu-se ontem em Nova York sem a presença dos representantes do governo brasileiro. As negociações bilaterais devem recomençar hoje.

Ontem, o comitê só falou com os brasileiros pelo telefone. Como se previa desde o início, as negociações prosseguem lentamente. Os bancos estão muitos cautelosos, disse uma fonte. Há muitas variáveis em processo de mudança, já que o preço do petróleo ainda não terminou de cair e não é muito claro o que o México pretende fazer. O presidente de La Madrid anunciou sexta-feira que não poderá pagar a conta integral de juros do país este ano. Não ficou claro se o México pretendia obter a capitalização dos juros ou limitar os pagamentos em função de suas receitas de exportação.

De La Madrid disse não desejar confronto com os credores, mas um banqueiro americano que retornou no fim de semana de uma viagem pela América Latina afirmou ontem que muitos colegas seus temem que o México suspenda os pagamentos a qualquer instante, como meio de melhorar sua posição nas negociações. "A situação financeira do México é mais uma vez dramática", afirmou.

O mesmo banqueiro disse haver considerável apreensão entre funcionários do governo americano sobre o encontro do Grupo de Cartagena, daqui a dois dias, no Uruguai. Muitos acham que o México tentará obter apoio dos demais latino-americanos para adotar uma linha mais dura nas

negociações. A fonte não está segura sobre a posição que o governo brasileiro adotaria, mas acha que o governo argentino está dividido, sendo que a equipe econômica de Alfonsín não teria interesse em provocar nenhum choque no sistema neste momento. A seu ver, os bancos poderiam perfeitamente tolerar uma suspensão dos pagamentos por algum tempo, enquanto pensam no que fazer.

Ontem, o ministro da Economia do México, Silva Herzog, estava em Washington e reuniu-se à tarde com o secretário do Tesouro James Baker e com o presidente do Banco Central americano, Paul Volcker.

Vista pelo ângulo das dificuldades que alguns países enfrentam, a situação do Brasil parece particularmente boa, disse uma fonte brasileira. As quedas dos juros e do preço do petróleo no mercado internacional favorecem o Brasil. O único senão no horizonte foi a notícia de que a Argentina finalmente chegou a um acordo com o FMI sobre as novas metas do programa. Para o Brasil, segundo algumas fontes, quanto pior para os outros, melhor, e a Argentina parece ter dado um passo importante para a superação de suas dificuldades externas imediatas.

A demora nas negociações com o Brasil pode também refletir o cuidado com que se move o comitê dos bancos, um cuidado que tanto pode ser o produto do temor em relação aos devedores como da insegurança em relação ao cumprimento do mandato que recebeu da comunidade bancária internacional. Enfim, o comitê desejaria ter certeza do caminho que o Brasil e os demais devedores pretendem percorrer.